

Uma Perspectiva Reformada da Visita Pastoral



Rev. Gildásio Reis (Th.M)

INTRODUÇÃO



É importante que nós, na qualidade de ministros do Evangelho, ou presbíteros, tenhamos uma compreensão clara de um aspecto importante do nosso ministério pastoral, o qual tem sido denominado de visitação pastoral. Em 19 anos como pastor tenho experimentado muitos momentos que revelam a importância, bem como a dificuldade de se realizar este aspecto do ministério de cuidar do rebanho do Senhor.

Conteúdo

1. A Base Bíblica da Visitação.
2. Razões da Visitação
3. O Antes da Visitação.
4. O Durante a Visitação.
5. O Após a Visitação
6. Premissas da Visitação
7. Cuidados Especiais da Visitação
8. Atributos do Visitador
9. Princípios Gerais da Visitação

I. A BASE BÍBLICA DA VISITAÇÃO.

Este aspecto do nosso ministério tem uma base bíblica: At 20:20; Tiago 5:14

Calvino, comentando Atos 20:20, diz que Paulo estabeleceu um modelo para o ministério da Palavra ao ensinar que o ministro não deveria deixar de admoestar tanto “publicamente” quanto de “casa em casa”:

O que quer que os outros pensem, não consideramos nosso cargo como algo dentro de limites tão estreitos como se, quando o sermão estiver terminado, pudéssemos descansar como se nossa tarefa tivesse terminada. Aqueles cujo sangue será requerido de nós se os perdermos por causa de nossa

preguiça, devem ser cuidados muito mais de perto e de modo mais vigilante¹

Infelizmente essa prática vem aos poucos sendo esquecida, e mesmo aquelas igrejas que ainda valorizam a visitação, nem sempre a faz de maneira eficaz e com o propósito bíblico.

Como bem disse John Sitema, a visita para muitos, limita-se a uma conversa informal sobre muitos assuntos, acompanhada de uma xícara de café e bolinhos². N  obstante o descaso por parte de alguns, a visita o tem sua importância no ministério. Há vários termos na Bíblia que mostram que a visita o pastoral serve para encorajar os desanimados (I Tes 5:11,14;), fortalecer os fracos (Gl 6:1), repreender os desatentos (2 Tm 3:16,17), instruir na s  doutrina (2 Tm 4.2), etc...

II. RAZÕES DA VISITA O

- 1) **Pela visita o, o pastor pode encorajar suas ovelhas:** As Escrituras cont m orienta es fartas sobre a fun o pastoral do encorajamento (I Ts 5:11,14; II Tm 4:2; Tt 1:9).³
- 2) **Pela visita o, o pastor pode admoestar suas ovelhas** (Cl 1:28; 3:16; Rm 15:14; I Ts 5:12): Admoestar refere-se a atividade de “aconselhar”;⁴ “orientar espiritualmente”. O pastor na qualidade de conselheiro cristão deve conhecer bem as Escrituras a fim de poder aplica-la adequadamente em sua visita.⁵
- 3) **Pela visita o, o pastor pode repreender suas ovelhas** (Pv 3:11; 9:8; Tt 2:15; II Tm 4:2; Gl 6:1): Para Calvino, a prega o pública deve ser suplementada com **visitas pastorais:**

São esclarecedoras as palavras de Calvino:

Não   suficiente que, do púlpito, um pastor ensine todas as pessoas conjuntamente, pois ele não

¹ Wallace, Ronald. Calvino, Genebra e a Reforma. Editora Cultura Cristã. São Paulo, SP: 2004. p. 147

² SITTEMA, John. *Cora o de Pastor – Resgatando a Responsabilidade Pastoral do Presbítero*. São Paulo, SP: Ed. Cultura Cristã. 2004 p. 198

³ Ver Modelo de Regimento Interno para Junta Diaconal da IPB e Artigo 51 da CI-IPB

⁴ Calvino também no exercício de seu pastorado, sempre procurou encorajar pessoas sobrecarregadas, que não conseguiam encontrar consolo mediante sua própria aproxima o de Deus, a procurarem seu pastor para aconselhamento particular e pessoal. Nas palavras de Ferreira, “Calvino   pastor zeloso e incansável no seu esforço em favor de suas muitas ovelhas, sofridas e angustiadas por males de toda sorte”(CF. FERREIRA, Wilson Castro. Calvino: Vida, Influência e Teologia. Campinas, SP: LPC. 1985. p. 153.)

⁵ **Adams Jay E.**, A Theology of Christian Conseling – More than redemption. Grand Rapids: Zondervan Publishing Co., 1995. p .308.

acrescenta instrução particular de acordo com a necessidade e com as circunstâncias específicas de cada caso⁶

4) Pela visitação, o pastor pode ensinar e guardar suas ovelhas (Atos 20:20): No contexto desta passagem de Atos 20, que discorre da tarefa pastoral, Paulo diz que um pastor amoroso e cuidadoso com seu rebanho, toma medidas para guardá-lo dos predadores espirituais.

É muito conhecida a prática de Richard Baxter em visitar as famílias de sua igreja. Ele escreve:

Passamos as segundas-feiras, desde cedo de manhã até quase o cair da noite, envolvendo 15 ou 16 famílias, toda semana, nesta obra de catequese. Com dois assistentes percorremos completamente a congregação, que tem cerca de 800 famílias, e ensinamos cada família durante o ano⁷

Calvino, a semelhança de Baxter, adverte: *“não consideramos nosso cargo como algo dentro de limites tão estreitos como se, quando o sermão estiver terminado, pudéssemos descansar como se nossa tarefa tivesse terminada”*⁸

Ricardo Agreste citando Eugene Peterson, deixa muito clara a idéia de que o pastor não deve limitar seu pastorado apenas aos domingos. Diz ele:

Assim, como muitos outros pastores, deparo-me com a realidade de que, apesar do Domingo ser um dia essencial no serviço pastoral, muito deste ministério precisa ser feito em meio ao caos de Segunda a SábadoNossas igrejas estão necessitando de pastores que conduzam suas ovelhas através de suas limitações e crises, com amor e paciência na direção da maturidade em Cristo Jesus. Nossas comunidades precisam de guias que, através da oração e da Palavra, ajudem as pessoas a caminharem através de suas crises e a viverem em meio ao caos.⁹

⁶ CALVIN, John. Calvin's Commentaries – The Epistles Of Paul – The Apostle To The Romans And To The Thessalonians. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishins Company. p.345 (Ao comentar I Tessalonissenses 2:11, Calvino insiste em que o pastor precisa ser um “pai” para cada pessoa.

⁷ BAXTER, Richard. O Pastor Aprovado. São Paulo, SP: Ed PES. 1989 p.18.

⁸ Wallace, Op Cit., p 147

⁹ http://www.editorasepal.com.br/sepal/jornal/out_dez2001/pastorear.htm (capturado em 22/03/04)

III. CUIDADOS QUE DEVEMOS TER ANTES DA VISITA

- 1) Certifique-se de que você sabe o nome de todos os membros da família. O esforço de aprender os nomes já é um sinal de que você se preocupa com eles.¹⁰
- 2) Tenha em mente ou anotado em algum lugar, as razões ou motivos que o levaram a visitar aquela família.
- 3) Dedique um tempo em oração, pedindo sabedoria para esta visita (Cl 4.12,13).
- 4) Esteja preparado para a possibilidade de que seu conselho não seja bem aceito. Mc 10.21. Se estiver preparado para isso, você continuará a amar a pessoa, mesmo que seu conselho ou sua visita não tenha sido bem aceita.

IV. O QUE FAZER DURANTE A VISITA: Para uma boa visitação, o pastor deve adotar a seguinte postura:

1. **Ser transparente:** Procure ser uma pessoa aberta, acessível. Aproveite para falar de você, de sua família e do seu testemunho pessoal de fé. Mas cuidado para não ser o centro das conversas, esquecendo-se assim das razões que o levaram a visitar aquela família.
2. **Ser bom ouvinte:** Ouça com atenção a pessoa visitada. Em provérbios 18.15 lemos: *“o coração do sábio adquire o conhecimento, e o ouvido dos sábios procura o saber”*. Procure ouvir compreendendo o que a outra pessoa deseja transmitir, valorizando a sua fala, a sua experiência de vida. É importante que o pastor esteja pronto para ouvir, entendendo as necessidades e as carências manifestadas, inclusive daquilo que é comunicado nas entrelinhas.
3. **Ser observador:** Muito do que é preciso perceber, não está na linguagem verbal, mas nos gestos, nas feições, nos temores, na hesitação, etc. O pastor deve analisar atentamente os elementos apresentados pela pessoa visitada que permitam identificar suas necessidades e problemas, de forma a permitir uma intervenção em seu favor. Quando seus verdadeiros problemas ainda não estão plenamente identificados é preciso buscar em Deus pela oração, o discernimento necessário. E não devemos nos esquecer, que as questões que afetam a vida daquele a quem visitamos, necessitam de

¹⁰ SITTEMA, John. Coração de Pastor. São Paulo, SP: Ed Cultura Crista. 2004. p. 222

resposta, e a Bíblia possui respostas para muitas das nossas indagações. O pastor precisa, portanto, conhecer a Bíblia.

V. O QUE FAZER DEPOIS DA VISITA

- 1. ACOMPANHAMENTO:** Após reconhecermos a necessidade de alguém, precisamos dar o acompanhamento devido. Faça anotações sobre o que foi conversado (se não for possível fazer estas anotações no momento da visita, faça-as imediatamente depois para não cair no esquecimento), principalmente aquilo que você precisará dar mais atenção e uma possível avaliação posterior.¹¹ É triste vermos que muitos pastores limitam-se apenas a dar um conselho. No ministério pastoral é preciso acompanhar a pessoa assistida até que se consiga vê-la superando sua dificuldade.
- 2. RETORNE A VISITA:** Depois de algum tempo, confira suas anotações e volte a visitar aquela família ou fazer-lhe um contato telefônico. Esta medida revela que você se importa com ela (Fl 1.8). Este retorno é muito importante, pois nos dará a oportunidade de rever os pontos anteriores, dúvidas, os passos que foram dados e o progresso feito por parte da nossa ovelha.

VI. PREMISSAS DA VISITAÇÃO

1. O pastor é um instrumento nas mãos de Deus, e como tal deve estar pronto para o serviço que glorifique ao Senhor.
2. A principal pessoa no trabalho de visitação não é você, mas a pessoa a quem você está visitando. Cuidado para não monopolizar as conversas.
3. A pessoa visitada pode mudar, pode ser transformada. Como pressuposto básico, precisamos aceitar o fato ou a possibilidade de mudanças na vida da pessoa visitada.
4. A Bíblia possui as respostas para as indagações espirituais e materiais. Jay Adams afirma este pensamento da seguinte maneira:

Da mesma maneira que o conselheiro cristão sabe que não existe problema sem par que não tenha sido

¹¹ Baxter ao visitar as famílias da sua igreja, fazia anotações com a finalidade de continuar a instrução de maneira sistemática. (Cf. O Pastor aprovado, p. 18,28)

claramente aludido nas Escrituras, assim também sabe que há uma solução bíblica para cada problema.¹²

Fazendo uso de I Co 10.13b, Adams entende que o conselheiro pode dar esperanças ao aconselhado (no caso, a pessoa visitada) com base na promessa divina. E que o papel do conselheiro é entender o problema do aconselhado e buscar respostas na Escritura para ajudá-lo.¹³

Nosso compromisso é com a verdade que está contida na Escritura Sagrada. Rev. George Canêlhas, que acumula uma larga experiência pastoral, inclusive neste ministério de visitação, nos dá um conselho valioso:

Seja sábio e coerente quando os problemas exigem um estudo mais profundo e um tempo maior para se chegar a uma conclusão. Não tente resolver tudo na primeira visita e, também, não tenha vergonha de dizer que não sabe responder.¹⁴

5. Existem problemas cujas causas são espirituais, psíquicas ou até orgânicas.   preciso saber identificar bem esses aspectos para realizar um bom trabalho de acompanhamento.
6.   imprescindível reconhecer nossas próprias limita es e saber quando se deve encaminhar uma pessoa para alguém mais capacitado em ajudá-la.
7. O pastor precisa tomar cuidado para não ditar o que a pessoa precisa fazer, mas deve ajudá-la a conduzir sua própria avalia o e decisão.

VII. CASOS ESPECÍFICOS DE VISITA O:

1. **Momentos de Crise:** em momentos como esse o sentimento de culpa   exatamente o que mais se destaca na vivência do indivíduo, mesmo que ele o negue. Portanto, aconselhar num momento de crise deve ter como princípio o ouvir e não o julgar. Valorizar sentimentos, emo es, apoiar, e não condenar ou reprimir.
2. **Família Enlutada:** Ao longo da vida experimentamos dores. Por vezes, são dores bem definidas, dores físicas, que se intensificam ou se abrandam, dores que falam, ou gritam, e logo corremos a atendê-las e, comumente, encontramos um paliativo ou uma soluço para elas.

¹² ADAMS, Jay. *O Manual do Conselheiro Cristão*, Editora Fiel. 2000. p. 35

¹³ ADMS. Op Cit., p. 35 (veja a nota 6)

¹⁴ CANÊLHAS, George Alberto. Apostila de poimênica utilizada no curso do JMC. p. 20

Mas, existe aquela dor para a qual não há remédio para o alívio⁷ imediato. Dentre elas, temos a dor de quem está vivendo a perda de alguém querido. É uma dor movida por sentimentos de tristeza, de medo, de abandono, de fragilidade e insegurança. Ao visitar uma pessoa ou família enlutada, precisamos agir com carinho, compreensão e compaixão (Mc 3.1-5; João 11.33-35; At 20.31; 2 Co 2.4). É o momento em que junto com a dor também está o sentimento de culpa pela perda. Não é também momento de críticas ou censura, mas de palavras de consolo e paz. O vazio dos relacionamentos não edificadas ou mal aproveitados é bastante percebido na época do luto. A Palavra de Deus traz conforto na lembrança de que o Senhor está no controle de todas as coisas, de que nossas vidas estão em suas mãos, de que todos os nossos sofrimentos findarão após a morte.

Wayne A. Mack, escrevendo sobre nosso relacionamento de ajuda ao aconselhado¹⁵, nos dá algumas dicas em como podemos desenvolver uma compaixão genuína para com as pessoas. São quatro dicas:

- 1^a.) Pense como você se sentiria se estivesse na posição da pessoa. MT 9.36; Hb 4.15
- 2^a.) Imagine a pessoa visitada como alguém de sua família. I Tm 5.1,2
- 3^a.) Considere sua própria pecaminosidade. Gl 6.1
- 4^a.) Pense nas formas práticas de demonstrar compaixão. Lc 6.27,28

No final da década de 1960, a psiquiatra americana (nascida na Suíça) Elizabeth Kübler-Ross escreveu um livro intitulado *On Death and Dying* publicado em 1969. Neste livro, ela propôs uma descrição de cinco estágios discretos através dos quais os enlutados passam. Tal modelo também é denominado de “Os Cinco Estágios do Luto”. Tais estágios são¹⁶:

1. Negação e Isolamento (“Isso não pode estar acontecendo”). Em geral se minimiza a gravidade do que esta acontecendo se isola num segundo momento para absorver a idéia e enfrentar as mudanças. Expressões como: "Digam-me que não é verdade", "não posso ainda acreditar que tenha acontecido", são indicadores de uma fase de ajustamento à realidade que pode durar até cerca de três anos. Em alguns casos, parentes se recusam a aceitar que se ente querido morreu, procuram acordá-lo, dizem que é hora de parar de fingir e ir para a casa. Preferem crer que foi um sonho e que de algum modo em algum lugar, a pessoa amada reaparecerá. Um viúva poderá continuar a preparar o mesmo número de pratos na mesa. Um viúvo volta do trabalho esperando ouvir a voz de sua mulher na casa.

¹⁵ MACK, Wayne. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. Hagnos. 2004. p.208-209

¹⁶ KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

2. Raiva (“Por que eu? Não é justo!”). A raiva é uma reação aos nossos sentimentos de frustração ou de injustiça súbita. É dirigida contra pessoas determinadas que tiveram relação com a morte: um médico, Deus mesmo, alguma pessoa mais próxima, o próprio morto, os amigos, membros da família e o mundo em geral.

3. Negociação (“Me deixe viver apenas até meus filhos crescerem”). É a tentativa de negociar o prazo de sua morte, através de promessas e orações. A pessoa já aceita o fato mas tenta adiá-lo.

4. Depressão (“Estou muito triste. Para que preciso me preocupar com qualquer outra coisa?”, “Eu quero morrer”). Neste estágio, surge também a culpa. Esta é sentida de diversas maneiras. É, em primeiro lugar, uma necessidade de auto-acusação: “Por que não me dei conta de quanto ele estava doente?” Pode também ser um sentimento de lamentação por não ter-lhe dado aquelas coisas boas e esquecer as debilidades e as falhas.

5. Aceitação (“Vou prosseguir. A vida continua”). Devemos dar tempo ao tempo para o enlutado aceitar a morte. A aceitação da morte permanece como condição necessária para continuarmos nossa jornada pela vida. Não haverá melhoras, até que a enfrentamos. Muitas vezes é difícil compreender que o que aconteceu foi real e a vida mudou. O que é importante, é compreender o que aconteceu. O único meio de lidar com a morte é admiti-la. Não podemos lutar contra ela. Só podemos aceitá-la, não importando quão penosa possa ser.¹⁷

3. **Pessoas Enfermas:** devemos levar conforto e disposição em Deus para a pronta recuperação da pessoa que está enferma. Diante da enfermidade muitos mecanismos de defesa se manifestam, tais como a negação, a fuga e a revolta. Em outros casos o conformismo exagerado e o desânimo levam o enfermo a desistir de lutar por seu restabelecimento. Em todos os casos é importante o visitante despertar a fé do enfermo, alimentando as suas esperanças e levando-o a reconhecer que as possibilidades de Deus são infinitas. Não é aconselhável a prática de cobrança de fé. Despertar é diferente de constranger. Devemos levar a pessoa a uma disposição espiritual salutar de confiança em Deus e de total liberdade no coração diante de Jesus Cristo.¹⁸

Penso que já e de conhecimento de muitos, que Calvino desenvolveu seu pastorado dispensando grande cuidado à visitação dos enfermos¹⁹, e

¹⁷ COLLINS, Gary. *Aconselhamento Cristão*. trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1995.

¹⁸ BAXTER, Richard. *O Pastor Aprovado*. p.110

¹⁹ LESSA, Vicente Tenudo. *Calvino -1509-1564 – Sua Vida e a Sua Obra*. São Paulo, SP: Casa Editora Presbiteriana. P. 119

Ronald Wallace nos lembra que Calvino prescreveu em suas *Ordenanças Eclesiásticas*, que ninguém deveria permanecer três dias inteiros confinado à sua cama sem cuidar para que o ministro seja notificado e...quando qualquer pessoa desejar que o ministro vá à sua casa, deve cuidar de chamá-lo numa hora conveniente para a visita.²⁰

4. **Pessoas com problemas Espirituais:** (ausência ou afastamento da igreja, vivendo em pecados, etc) Devemos ouvir e analisar biblicamente cada caso, e de maneira autoritativamente reivindicar um retorno aos padrões de Deus.
5. **Pessoas com problemas delicados:** Às vezes precisamos fazer visitas para tratar de assuntos muito difíceis, como repreender o irmão por causa de algum pecado; dar uma orientação sobre determinado comportamento, etc. Em casos assim, vão aqui cinco diretrizes dadas por John Sittema²¹:
 - a) **Seja direto:** Seja agradável, demonstre bondade, mas não faça rodeios. Depois de chegar à casa, não deixe passar muito tempo, e vá direto ao assunto²².
 - b) **Seja positivo:** Lembre-se sempre de que o propósito da sua visita não é condenar, mas trazer restauração, graça e ajuda divina. Mesmo que esteja apontando pecados, mostre o caminho da graça e dê esperança de restauração no caso de haver arrependimento.
 - c) **Lembre-se de quem você é:** Cuidado para não parecer convencido ou arrogante. Você está visitando para levar a Palavra de Deus àquela família, por isso, você deve ser também um discípulo de Jesus. *“Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia”* (I Co.10.12)
 - d) **Ore no início e ao final da visita:** Sua oração humilde demonstra sua dependência daquele que lhe enviou ali. Além disso, transmite a idéia de que você não tem todas as respostas e que está dependendo do Espírito Santo.
 - e) **Ao final, faça um breve resumo da sua visita:** Não deixe nada pendente. Ao final, certifique-se de que saibam o que você

²⁰ Wallace. Op Cit., p. 148

²¹ SITTEMA, John. Coração de Pastor. São Paulo, SP: Ed Cultura Crista. 2004.

²² Eu acrescento a esta observação de Sittema, que, o pastor, precisa demonstrar amor e compaixão para com a pessoa visitada. Embora os pecados precisam ser confrontados e resolvidos, só haverá um resultado positivo, eficaz, caso a pessoa visitada perceba que o pastor realmente está preocupado com sua vida cristã (Lc 7.13) (cf. MACK, Wayne. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. Hagnos. 2004. p. 208).

entendeu. Isso evita problemas futuros, e ajuda em muito na solução daqueles que existem. **1**
O

6. **Pessoas idosas:** Devemos levar consolo, palavra amiga, etc...
7. **Sociabilidade:** Este tipo de visita objetiva estreitar vínculos de amizade, procurar conhecer melhor a pessoa e sua família, etc...

Vale à pena ressaltar a observação feita pelo Rev. George Canêlhas:

Tome cuidado com as pessoas que querem lhe fazer de "babá". Geralmente essas pessoas são carentes e acham que você está a disposição delas. As pessoas têm que se adaptar aos seus horários de visita e a sua forma de visitar. Não deixe de mandar as pessoas fazerem "tarefas" – os interessados no aconselhamento seguirão as regras e responderão positivamente.²³

VIII. ATRIBUTOS DO VISITADOR:

1. Cuidado pessoal e bom gosto com a aparência, usando a roupa adequada.
2. Ser capaz de pensar como se estivesse no lugar da pessoa a quem visita (empatia).
3. Seja simpático e amável. Cl 4.6; PV 15.23
4. Tenha conhecimento da Escritura Sagrada. I Tm 3.16
5. Tenha vida de oração e dependa sempre de Deus. Cl 4.12,13
6. Seja um homem consagrado a Deus e viva uma vida santa. Se tiver alguma área da sua vida cristã que está tendo problemas; caso exista algum pecado costumeiro que o está derrotando, busque ajuda para você mesmo, antes de tentar ajudar alguém.

IX. PRINCÍPIOS GERAIS DA VISITAÇÃO:

1.CHEGADA AO LOCAL:

1. Chegue com atitude agradável, e crendo que Deus pode agir graciosamente na vida da pessoa ou família a ser visitada.
2. Preste atenção no contexto do local e da família para conhecer as circunstâncias que envolvem as pessoas a serem visitadas.
3. Faça uma apresentação sua e das pessoas que o acompanham e seja claro quanto ao verdadeiro propósito de sua visita. Evite ir sozinho, especialmente quando for visitar uma pessoa do sexo oposto. O conselho do Rev. George quanto a esta questão é o seguinte:

²³ CANELHAS, apostila de poimênica. P. 20

Tome cuidado! O homem não visita mulher sozinho! Leve uma senhora, um presbítero, um diácono – o melhor é que a visitação seja feita constando de três pessoas: dois homens e uma mulher, ou vice-versa.²⁴

4. Chame as pessoas pelo nome. Tente gravar os nomes de todos e repeti-los sempre que for se referir a alguém.

2. NA CASA:

1. Lembre-se de que você é convidado na casa de outra pessoa. Mostre-se de maneira amigável e agradável. Cl 4.6
2. Seja paciente para ouvir a todos, em especial as pessoas enfermas e seus familiares.
3. Focalize-se na pessoa para quem a visita foi dirigida, mas sempre demonstrando interesse para com todos os presentes. Tiago 1.19
4. Mantenha a preocupação em conduzir a conversa visando atingir o propósito de sua visita.

3. NO HOSPITAL

1. Evite tornar a sua visita cansativa para o paciente.
2. Centralize sua visita no doente, e não na doença ou qualquer outro assunto inoportuno.
3. Procure desenvolver auto-controle de suas emoções e sentimentos.
4. Nunca faça uma visita a um doente se você mesmo estiver com alguma enfermidade.
5. Não faça diagnósticos médicos.

Conclusão:

Rev. Gildásio Jesus Barbosa dos Reis

© Setembro 2009, Igreja Presbiteriana de Osasco

Seminário Presbiteriano “Rev. José Manoel da Conceição”

gildasioreis@terra.com.br

²⁴ CANELHAS, George Alberto. Apostila de Poimênica utilizada no curso de poimênica no JMC. p.20